Atividades orientadas de ensino

Análise de germinação de Caryocar brasiliense Cambess

O pequizeiro (*Caryocar brasiliense*) é uma árvore nativa da família Caryocaraceae, amplamente distribuída pelo Cerrado do Brasil Central e áreas adjacentes da Bolívia e Paraguai. No Brasil, ocorre nos Estados do Pará, Tocantins, Bahia, Maranhão, Piauí, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, podendo ser encontrado na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica.

É também conhecido, de acordo com a região de ocorrência, por pequi, piqui, piquiá-bravo, amêndoa-de-espinho, grão-de-cavalo, pequiá, pequiá-pedra, pequerim, suari e piquiá. O nome pequi se origina da palavra tupi “pyqui”, em que Py = casca e qui = espinho (FCTMG, citado por ALMEIDA & SILVA, 1994).

É uma planta semidecídua, heliófita, seletiva xerófita, constituindose uma característica do Cerrado brasileiro. Ocorre geralmente em agrupamentos mais ou menos densos, tanto em formações primárias como secundárias e pioneiras (LORENZI, 2000).

Pode atingir até 10 metros de altura, mas existe uma forma arbustiva, que é chamada de pequi-anão. A sua madeira de cor amarelada é utilizada na construção e confecção de objetos. As cinzas da madeira são popularmente utilizadas para fazer sabão caseiro. Suas folhas (que podem medir até 20 cm) são formadas por três folíolos recobertos com pelos curtos, que são utilizadas para a produção de adstringentes. As flores são grandes e chamativas, com cinco pétalas brancas e longos estames. São polinizadas principalmente por morcegos, mas também são visitadas por abelhas grandes, beija-flores e mamíferos pequenos.

O pequizeiro floresce durante os meses de agosto a novembro, com os frutos iniciando a maturação em meados de novembro, podendo ser encontrados até início de fevereiro (ALMEIDA et al., 1998; LORENZI, 2000).

Os frutos são consumidos por várias espécies da fauna, auxiliando a disseminação da espécie (LORENZI, 2000).

As sementes apresentam forte dormência (ARAÚJO, 1994; MIRANDA et al., 1988), e as baixas taxas e velocidades de germinação dificultam o trabalho em viveiros, aumentam o custo de produção das mudas e, principalmente, dificultam o planejamento dos plantios definitivos.

A demora para o início da germinação é devida à dormência das sementes. Até o momento, dois mecanismos de dormência foram observados em sementes de pequizeiros (DOMBROSKI, 1997), um devido ao endocarpo rígido, supostamente um impedimento mecânico ao desenvolvimento do embrião (DOMBROSKI, 1997; OLIVEIRA, 2002), e outro de dormência do próprio embrião (DOMBROSKI, 1997). A dormência devida ao endocarpo pode ser aliviada pela sua remoção ou abertura (DOMBROSKI, 1997; DOMBROSKI et al., 1998), e a dormência do embrião é aliviada pela aplicação de ácido giberélico (DOMBROSKI, 1997; DOMBROSKI et al., 1998; OLIVEIRA, 2002).

Quando são semeados pequis inteiros, a emergência de plantas começa entre 20 a 45 dias (ARAÚJO, 1994; BORGES, 1986; MIRANDA, 1986, 1988), mas o pico de germinação só ocorre após nove meses do plantio (SÁ et al., 1994). As taxas de germinação são muito variáveis, com valores entre 30 e 85% (ARAÚJO, 1994; HERINGER, 1970; MELO, 1987; MIRANDA, 1986; MIRANDA et al., 1988; SÁ et al., 1994), em até um ano da semeadura (HERINGER, 1970; SÁ et al., 1994).

A utilização do pequi na culinária é bastante difundida entre os povos habitantes do Cerrado brasileiro, assim pode ser encontrada uma grande variedade de pratos típicos confeccionados com o caroço do pequi. Além de auxiliar na complementação alimentar da população, os produtos obtidos pelo processamento culinário do pequi propiciam o aumento da renda familiar.

Imagens retiradas da internet

Referências:

https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/121517/1/gtec-10.pdf

ALMEIDA, S. P.; SILVA, J. A. Piqui e buriti: importância alimentar para a população dos cerrados. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1994. 38 p. (Documentos, 54).

ARAUJO, F. D. de. The ecology, ethnobotany and management of Caryocar brasiliense Camb. around Montes Claros, MG, Brazil. 1994. 175 f. Thesis (Doctor in Plant Sciences) - University of Oxford, Oxford, 1994.

DOMBROSKI, J. L. D. Estudos sobre a propagação do pequizeiro (Caryocar brasiliense Camb.). 1997. 80 f. Dissertação (Mestrado em Fisiologia Vegetal) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 1997.

HERINGER, E. P. Pequizeiro (Caryocar brasiliense Cambess). Brasil Florestal, Rio de Janeiro, v. 1, p. 28-31, fev. 1970.

LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa: Plantarum, 2000. v. 1.

MELO, J. T. Fatores relacionados com a dormência da semente de pequi (Caryocar brasiliense Camb.). 1987. 91 f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Agricultura de Luiz de Queiroz, Piracicaba, 1987.

MIRANDA, J. de S. Contribuição ao estudo da cultura do piqui (Caryocar sp.): propagação e concentração de nutrientes. 1986. 103 f. Dissertação (Mestrado em Produção Vegetal) – Universidade Federal da Paraíba, Areia, 1986.

MIRANDA, J. de S.; SILVA, H.; MATOS, M. A. de O. Emergência e vigor de sementes de pequi submetidas a pré-tratamentos mecânicos e térmicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA, 9., 1987, Campinas. Anais... Campinas: Sociedade Brasileira de Fruticultura, 1988. p. 647-651.

SÁ, C. e C. G.; CÔRTES, R. A.; CARNEIRO, I. F.; BORGES, J. D. Efeito de diferentes tratamentos na germinação do pequi (Caryocar brasiliense Camb.). Acta Botânica Brasileira, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 109-120, 1994.